

# A BATALHA DO IMPEACHMENT/GOLPE: SENTIDOS EM DISPUTA

*Rudá da Costa Perini*

*Vanise Gomes de Medeiros*

## Mestrando

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar, a partir do que vem sendo desenvolvido em nossa pesquisa de mestrado, o funcionamento discursivo de um léxico belicoso no discurso jornalístico. Para tanto, filiamo-nos, enquanto sustentação teórica e metodológica, à Análise do Discurso materialista em consonância com a obra dos teóricos Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Tomamos, portanto, como *corpus* empírico as edições dos jornais *Brasil de Fato* (18 a 20/04/2016) e *O Globo* (18/04/2016) nos quais foi noticiada a votação da admissibilidade do impeachment/golpe contra Dilma Rousseff. A votação, ocorrida na Câmara dos Deputados em 17/04/2016, é observada aqui como um acontecimento jornalístico e histórico dado seu caráter de ser: na esfera do jornalismo, um acontecimento que deve ser noticiado; na ordem da história, um fato que reclama sentidos. Assim, a primeira questão de entrada no *corpus* se configura pelo comparecimento de um sítio de significância, constituído de palavras belicosas, formando-se ao redor do referente discursivo impeachment/golpe. Seguindo essa primeira observação, adotamos o método de montagem de quadros para mapear que palavras comparecem em cada edição, pinçando palavras bélicas (como *guerra, batalha, vitória/derrota, luta*, etc.) e recortando sequências discursivas nas quais tais palavras comparecem. Nossa hipótese é que este procedimento nos permitirá compreender que processos discursivos se engendram na malha de discursos e contra-discursos em conflito no movimento histórico, linguístico e ideológico de significar o impeachment/golpe.

PALAVRAS-CHAVE: discurso jornalístico, impeachment/golpe, sítio bélico de significância

---

## Introdução

Este artigo<sup>1</sup>, produto de reflexões em curso em nossa dissertação, visa apresentar brevemente uma análise dos processos discursivos que se engendram no discurso jornalístico produzido em dois jornais distintos (aqueles que formam nosso *corpus*) quanto a suas condições de produção<sup>2</sup>: os jornais *O Globo* e *Brasil de Fato* nas edições de 18/04/2016.

A filiação teórico-metodológica deste trabalho se ancora na Análise de Discurso francesa de base materialista (também conhecida pela sigla AD). Uma disciplina pós-estruturalista, crítica, concebida num entrecampo de saber das ciências da linguagem e sociais. Por conseguinte, nossa referência teórica se concentra, principalmente, na obra de Michel Pêcheux, considerado autor fundador da AD, e Eni Orlandi, uma das maiores responsáveis pelos desdobramentos da disciplina no Brasil.

Apresentaremos, portanto, análise de um léxico bélico que comparece nos jornais formando o que temos chamado de sítio bélico de significância. O sítio bélico de significância consiste, assim, na primeira regularidade a qual chegamos e que suscitou nossa principal questão de pesquisa.

A fim de elaborar melhor a noção de sítio de significância, cabem algumas ponderações. Entendemos o termo sítio de significância<sup>3</sup> aqui na esteira de Orlandi (1993) e Mariani (1996). Sucintamente, pode ser definido como conjunto mais ou menos delimitado de palavras e expressões que se conectam interdiscursivamente<sup>4</sup>, em nosso caso, por sentidos de guerra. Assim, podemos compreendê-lo como uma região de sentidos na qual frutificam certos “processos significativos ao mesmo tempo em que se

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

<sup>2</sup> As condições de produção, segundo Orlandi, “incluem os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo” (ORLANDI, 2006, p. 17).

<sup>3</sup> Cabe assinalar que parto de Orlandi (1993) e Mariani (1996) como os primeiros textos em que encontrei o termo. No entanto, as autoras não definem o que é um sítio de significância. Em mais buscas, me deparei com outros trabalhos em que o termo aparece, mas ainda sem uma definição bem delimitada. Cito, por exemplo, Soares (2006). A minha interpretação, baseando-me em pesquisas na literatura da AD em busca de uma definição mais elaborada do termo, é que ele não recebe investimento de um conceito teórico pelo modo como é usado, isto é, como um termo evidente. O que proponho aqui é uma releitura das formulações feitas pelas autoras citadas em que *sítio de significância* comparece, mas tentando imprimir mais corpo teórico ao termo empregando-o como um conceito propriamente.

<sup>4</sup> O interdiscurso pode ser entendido como o já dito que sustenta todo dizer, isto é, “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 2012, p. 33-34)

---

apagam outros” (MARIANI, 1996, p. 160). O denominamos, em nosso gesto de análise, de sítio bélico de significância devido à formação de uma região relacional de palavras belicosas como *batalha*, *guerra*, *vitória*, *derrota*, *luta*, *QG*, entre outras que comparecem.

Na ressonância dessas primeiras palavras cabe apontar nosso objeto de pesquisa. Este se configura no discurso jornalístico sobre a política, ou melhor, sobre eventos intrincados à conjuntura política brasileira em um momento específico, o momento da votação do impeachment/golpe – entendido aqui como um objeto de discurso, um referente discursivo constituído através do jogo de denominações empregadas nos/pelos jornais ao falarem sobre o acontecimento histórico e jornalístico<sup>5</sup> (a votação na Câmara) – contra a ex-presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados em 17/04/2016.

Compreendemos, seguindo Mariani (1996), que o discurso jornalístico se constitui como *discurso sobre*. De acordo com a autora, os *discursos sobre* são discursos intermediários que atuam na institucionalização dos sentidos

portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao *falarem sobre* um *discurso de* (‘discurso origem’), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral representam lugares de autoridade em que se efetua algum de tipo de transmissão de conhecimento, já que o *falar sobre* transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já conhecido pelo interlocutor. (MARIANI, 1996, p. 64. Grifos da autora)

Sustenta-se, desta forma, que o sítio bélico de significância se forma em nosso *corpus* no movimento dos jornais de “narrar/descrever um acontecimento singular”, conforme a autora.

A observação do comparecimento deste sítio de significância nos jornais, no processo de atribuir sentidos ao impeachment/golpe, constitui nosso gesto analítico de entrada no *corpus*. Com isso, nosso objetivo principal é compreender como um acontecimento histórico e jornalístico é discursivizado como guerra, batalha, luta, disputa – veremos adiante o funcionamento de *impeachment* e *golpe* no processo de dar sentido

---

<sup>5</sup> Entenda-se por acontecimento histórico, consoante a Le Goff (1996, p. 10), um fato relevante que se inscreve na História pelo trabalho do historiador compondo, portanto, o passado, a memória de uma sociedade. Por acontecimento jornalístico, entende-se “um fato, uma ocorrência no mundo; mas um fato que gera uma notícia, que por sua relevância perante a avaliação dos jornalistas do que se constitui como interesse público, merece estar presente nas edições diárias dos noticiários impressos ou eletrônicos” (Dela-Silva, 2008, p. 15).

---

ao acontecimento histórico a partir de posições discursivas opostas. Nesta direção, o impeachment/golpe se configura como um objeto discursivo em disputa, um ponto de estabilização e desregulação de sentidos.

Adotamos, com efeito, a denominação impeachment/golpe para indicar, em primeiro lugar o modo dividido como se constrói o referente discursivo nos jornais; em segundo lugar, a escolha de impeachment/golpe, e não golpe/impeachment, se dá para indicar as relações de poder em jogo na mídia, ou seja, os veículos tradicionais, hegemônicos portanto, em sua maioria adotam a denominação *impeachment* que é posta como evidente e única possível. Por outro lado, muitos veículos independentes e/ou não tradicionais resistem ao sentido de *impeachment*, aderindo à denominação *golpe*. Neste ponto (tenso) se perfaz a disputa entre posições discursivas antagônicas.

Em nossa investigação, buscamos contribuir para o campo da Análise do Discurso com reflexões sobre o jogo dos sentidos no discurso jornalístico em um momento de crise política, econômica e ética; em um momento de tensão, de farsa, de disputa ideológica que se materializa na língua, se materializa num sítio bélico de significância: uma disputa na/pela palavra.

### **Sobre a construção e entrada no *corpus***

O processo de recorte do *corpus* de nossa dissertação, que começou já com a seleção das edições com as quais trabalharíamos (exemplares digitais dos jornais mencionados acima), parte dos seguintes critérios: 1) escolher jornais que estivessem noticiando o acontecimento (a votação); 2) escolher um jornal tradicional e um não tradicional; 3) escolher jornais que se posicionassem de modo opositivo em relação ao acontecimento; 4) escolher jornais que empregassem as palavras *impeachment* e *golpe* materializando este posicionamento opositivo.

Feita esta seleção, algumas regularidades foram observadas. E a partir de uma regularidade específica definiu-se a primeira metodologia de análise. Esta regularidade consiste no comparecimento frequente de palavras que retomam sentidos de guerra no processo de discursivização do impeachment/golpe formando um sítio de significância ao seu redor. Isto é, chegamos ao sítio através de uma regularidade lexical presente em espaços discursivos politicamente opostos. A metodologia em tela, portanto, consiste no

---

levantamento e análise do léxico belicoso que forma o sítio através da montagem de quadros em que constam palavras bélicas e enunciados em que comparecem.

Para organizar metodologicamente, adotamos o procedimento de montagem de quadros<sup>6</sup>. Dois quadros amplos foram montados, um para cada *corpora* (cada jornal), e neles fizemos recortes a fim de viabilizar a análise do funcionamento discursivo de alguns itens lexicais. Tal procedimento nos permitiu analisar que palavras comparecem nos jornais e quais são selecionadas em cada um; como comparecem; que efeitos de sentido produzem.

Logo, o propósito dos quadros é delinear mais detidamente o sítio bélico a fim de trabalhar discursivamente com a materialidade da língua. Almeja-se, portanto, investigar funcionamento do sítio bélico de significância enquanto processo discursivo. Neste texto apresentarei uma breve análise apenas do léxico comum aos dois *corpora*.

### **Um pouco de análise**

A propósito de introduzir a reflexão sobre o léxico que forma o sítio bélico de significância é mister destacar que pensar sobre léxico, em AD, não se trata de pensar nas palavras encerradas à categorias gramaticais ou aos significados. O que se propõe é analisar discursivamente o léxico, isto é, levar em conta o político, a possibilidade de o sentido ser outro, jamais ignorando as relações de poder em curso na sociedade. É ainda pensar a historicidade, as condições de produção e o funcionamento da ideologia na língua. Não há, por assim dizer, nas palavras um significado imanente, há efeito de sentidos que se atualizam a partir do já-dito (aí se inscreve sua historicidade) movendo sentidos já postos e projetando sentidos na memória futura. Pensar sobre o léxico implica também dizer que o emprego de uma palavra não é estanque, como se irrompesse no enunciado, ou fosse consequência de uma suposta vontade onisciente do sujeito. A seleção de uma palavra num eixo de tantas possibilidades ao invés de outra diz muito. Aí se instaura a política do silêncio<sup>7</sup>, se estabilizam sentidos, provocam-se rupturas, tencionam-se as relações de poder no texto. É no jogo ininterrupto e inacabável de

---

<sup>6</sup> Nos anexos de nossa dissertação constam os quadros completos. Aqui, devido ao parco espaço nos limitamos a trazer apenas alguns recortes dos quadros.

<sup>7</sup> A política do silêncio (ORLANDI, 2007, p. 24) inclui o silêncio constitutivo (uma palavra necessariamente apaga outras) e o silêncio local (a própria interdição ao dizer).

---

tensões, posições discursivas, apagamentos, paráfrases e deslizamentos que nossa análise encontra seu horizonte e seus desafios.

Nesta direção, introduzimos nosso gesto de análise. Para tanto, alguns conceitos – já sinteticamente explicados acima – nos são valiosos e com eles operaremos, a saber: sítio de significância, acontecimento jornalístico e acontecimento histórico, interdiscurso, paráfrase (estabilização, condição de repetibilidade do sentido) e polissemia (ruptura, o que possibilita o sentido ser outro).

Começamos destacando que as palavras *impeachment* e *golpe* não pertenceriam *a priori* ao léxico bélico, porém são incluídas nele por serem elas, precisamente, objetos discursivos de disputa de sentidos nas condições de produção do *corpus*, passando a funcionar como fronteira de uma zona de guerra.

O procedimento empreendido na montagem dos quadros foi levantar exaustivamente no *corpus* palavras e enunciados a partir de dois critérios: 1) a palavra poder ser agrupada numa terminologia de guerra, entendendo terminologia aqui como “agrupamento de substantivos, adjetivos e verbos designativos da organização conceptual de um campo de atividade ou de conhecimento (ex.: léxico da pesca, léxico da música, léxico do futebol, léxico da cultura da cana etc.)” (AZEREDO, 2011, p. 412). Em termos discursivos, por conseguinte, um grupo de palavras que se conectam por sentidos relativamente estáveis retomando certo lugar de memória, configurando-se como pré-construídos<sup>8</sup>; 2) a palavra comparecer num enunciado que fale sobre o *impeachment/golpe*.

Ao realizar o procedimento acima descrito observou-se que algumas palavras se repetem e outras só aparecem em um ou outro jornal. Tomemos esta observação como ponto de partida.

As palavras *impeachment* e *golpe* comparecem em ambos os *corpora* produzindo, em cada um, efeitos ora distintos ora similares. Introduziremos por elas a fim de melhor visualizar o antagonismo ideológico no plano discursivo que perpassa nosso *corpus*.

---

<sup>8</sup> O pré-construído, segundo (PÊCHEUX, [1975] 2014, p.89), é um componente do interdiscurso, a parte relativamente estável, forma de nominalização, de encaixe sintático; o conhecido não esquecido. Seria como se esse elemento já se encontrasse sempre aí por efeito da interpelação ideológica funcionando como objeto simples do mundo, proveniente de outros discursos; o “já sabido” que é evidente para o sujeito em certas formações discursivas.

Vejamos nos quadros abaixo *impeachment* e *golpe* em alguns enunciados que, devido a já terem sido de-superficializados, podem ser tratados como sequências discursivas (SD):

**Recorte 1: *impeachment* e *golpe* em *O Globo***

Palavra	SD
<b>Impeachment</b>	<p>SD1(OG) Por 367 votos a 137, a Câmara dos Deputados aprovou ontem a autorização para abertura do <b>processo de impeachment</b> contra a presidente Dilma Rousseff, um ano e três meses depois da eleição que lhe deu 54,5 milhões de votos. (matéria, título: <i>Aviso prévio Dilma perto do afastamento, País</i>, p. 3. Negrito nosso.)</p> <p>SD2(OG) Conforme avançava a votação e se confirmava o abismo de votos a favor do <b>impeachment</b>, aliados que trabalharam arduamente para aprovar o processo, como o senador Romero Jucá (PMDB-RR), se dirigiam à residência. (matéria, título: <i>Entre a Alvorada e o Jaburu, País</i>, p. 4. Negrito nosso.)</p> <p>SD3(OG) O triste espetáculo do muro separando, na Esplanada dos Ministérios em Brasília, cidadãos contra e a favor do <b>impeachment</b> da presidente Dilma é reflexo da radicalização política que domina nosso dia a dia e não é de hoje. (coluna de Merval Pereira, título: <i>Resta agora tentar começar de novo, País</i>, p. 23. Negrito nosso.)</p>
<b>Golpe</b>	<p>SD4(OG) O PT e o ex-presidente Lula, por outro lado, vão usar todas as armas para espichar ao máximo o calendário do impeachment no senado para reforçar o <b>discurso do golpe</b> e tentar salvar o que restou do partido para a disputa de 2018. (matéria, título: <i>Próximo front/ Líderes preveem rito sumário no Senado, País</i>, p. 8. Negrito nosso.)</p> <p>SD5(OG) Com Dilma no Alvorada, petistas dizem que ela e Lula vão comandar uma mobilização nacional e internacional para denunciar o <b>golpe</b>, levando para o palácio lideranças de movimentos sociais e personalidades políticas internacionais para minar o governo Temer. (matéria, título: <i>Próximo front/ Líderes preveem rito sumário no Senado, País</i>, p. 8. Negrito nosso.)</p> <p>SD6(OG) Na América Latina, líderes aliados do PT criticam decisão e afirmam que há '<b>golpe cívico parlamentar</b>' (matéria, título: <i>Pelo mundo/ Votação tem grande destaque no exterior, País</i>, p. 30. Negrito nosso.)</p>

**Recorte 2: *impeachment* e *golpe* em *Brasil de Fato***

Palavra	SD
<b>Impeachment</b>	<p>SD1(BF) A atriz Glória Pires mandou muito bem ao se posicionar contra o <b><i>impeachment</i></b> após dizer que leu muito sobre o assunto. (<i>mandou BEM, Geral</i>, p. 2. Negrito nosso. Itálico do jornal.)</p> <p>SD2(BF) Enquanto votam pelo <b><i>impeachment</i></b> de Dilma, Eduardo Cunha e sua gangue ficam impunes, mesmo sendo os maiores criminosos do país. Em nome do combate à corrupção, foram cometidos todos os crimes possíveis contra a Constituição e inclusive permitiu-se que corruptos derrubassem uma presidente que não era nem sequer culpada. (Editorial, título: Novo Brasil não sairá de um golpe, <i>Opinião</i>, p. 3. Negrito nosso. Itálico do jornal.)</p> <p>SD3(BF) Se houver <b><i>impeachment</i></b> e assumirem Michel Temer (PMDB) e Eduardo Cunha (PMDB), será um caos do ponto de vista político. (declaração de João Pedro Stedile (direção do MST), título: Até coxinhas farão ato contra Temer, diz Stedile, <i>Entrevista</i>, p. 5. Negrito nosso. Itálico do jornal.)</p>
<b>Golpe</b>	<p>SD4(BF) Câmara dos Deputados aprova <b>golpe</b> contra Dilma (manchete, capa. Negrito nosso.)</p> <p>SD5(BF) É visível em todas as manifestações que estão ocorrendo que o sonho de um novo Brasil pulsa e já não cabe nas velhas roupas que usa. Esse novo Brasil não sairá de um <b>golpe</b>. Sairá do povo nas ruas, da união, da luta organizada. A história nos trouxe até aqui e é hora de assumir nosso papel. (Editorial, título: Novo Brasil não sairá de um golpe, <i>Opinião</i>, p. 3. Negrito nosso.)</p> <p>SD6(BF) Mais uma vez a elite brasileira deu um <b>golpe</b> no povo. Desta vez o <b>golpe</b> foi sofisticado, usou toga, colete à prova de balas e potentes câmeras de TV. Seus soldados usavam terno e gravata. (Editorial, título: <i>Novo Brasil não sairá de um golpe</i>, <i>Opinião</i>, p. 3)</p>

As palavras *impeachment* e *golpe* parecem funcionar como marcadores de posição, isto é, *impeachment* em *O Globo* é predominantemente empregado no sentido de processo legal, conforme SD1(OG) e SD2(OG), nas quais lemos, respectivamente: “autorização para abertura do processo de impeachment” e “o abismo de votos a favor do



---

impeachment”; e noutro sentido, como denominação do acontecimento histórico, abrangendo a votação do processo na Câmara dos Deputados, as fases processuais, trâmites e implicações políticas e sociais, como em SD3(OG), na qual lemos: “O triste espetáculo do muro separando, na Esplanada dos Ministérios em Brasília, cidadãos contra e a favor do impeachment”.

Por outro lado, a palavra *golpe* em *O Globo* comparece clivada de marcas discursivas que remetem ao discurso-outro e distanciam-no. É o que vemos nas SD4, SD5 e SD6(OG). Nelas destacamos as marcas: a) atribuição da palavra ao outro, neste caso ao PT e ao ex-presidente Lula, como na SD4(OG) “O PT e o ex-presidente Lula, por outro lado, vão usar todas as armas para espichar ao máximo o calendário do impeachment no senado para reforçar **o discurso do golpe**”; b) significação de *golpe* como um tipo de discurso, ainda em SD4(OG), isto é, *golpe* aparece na posição de adjunto adnominal qualificando *discurso*, ou seja, *golpe* aqui não pode ser significado como acontecimento histórico, pode apenas significar um tipo de discurso no sentido usual de fala, ou ainda, se considerarmos o enunciado “usar todas as armas para espichar ao máximo o calendário”, pode significar um “vale tudo” ou discurso demagógico; c) uso de discurso indireto introduzido pelas expressões destacadas SD5(OG) “petistas **dizem que**”, e SD6(OG) “líderes aliados do PT criticam decisão e **afirmam que**”; e, ainda, d) uso de aspas, como na própria SD6(OG) “golpe cívico parlamentar”. Essas marcas já nos dão pistas para começar a rascunhar formações discursivas (FD)<sup>9</sup>.

Os dois efeitos de sentido que *O Globo* atribui a *impeachment* podem também ser possíveis em *Brasil de Fato*. Na SD2(BF) temos o efeito de processo legal: “Enquanto votam pelo *impeachment* de Dilma, Eduardo Cunha e sua gangue ficam impunes”; e na SD3(BF), o efeito que remete a algo mais amplo, ao acontecimento histórico: “Se houver *impeachment* e assumirem Michel Temer (PMDB) e Eduardo cunha (PMDB), será um caos do ponto de vista político”.

Em exame à palavra *golpe* em *Brasil de Fato* observamos que ela é empregada também no sentido de processo legal por substituição a *impeachment*, no entanto este

---

<sup>9</sup> Sobre o conceito de formação discursiva, cito Pêcheux: “chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 147, grifos do autor).

---

sentido é deslocado para a ilegalidade, leia-se SD1(BF): “Câmara dos Deputados aprova **golpe** contra Dilma”. Além disso, emprega-se *golpe* para denominar o acontecimento histórico, mas interpretado a partir de outra posição, produzindo efeitos outros, SD4(BF): “É visível em todas as manifestações que estão ocorrendo que o sonho de um novo Brasil pulsa e já não cabe nas velhas roupas que usa. Esse novo Brasil não sairá de um **golpe**”; e SD5(BF) “Mais uma vez a elite brasileira deu um **golpe** no povo. Desta vez o **golpe** foi sofisticado, usou toga, colete à prova de balas e potentes câmeras de TV. Seus soldados usavam terno e gravata”.

O que nos chama a atenção, porém, é que *impeachment* e *golpe* em *Brasil de Fato* se alternam entre aqueles dois sentidos – o de processo, SD1(BF), e o de acontecimento histórico, SD4(BF) e SD5(BF) – numa relação que aparenta paridade. É este funcionamento, precisamente, que nos leva a questionar: *impeachment* em *Brasil de Fato* é tomado numa relação de sinônima com *golpe* por, nas condições de produção do jornal, o termo *impeachment* já significar *golpe*? Ou, por outro lado, se marca aí um atravessamento da formação discursiva dominante na qual só se pode dizer *impeachment* para denominar o processo legal/acontecimento histórico seguindo a interpretação da posição-OG?

Desse modo, a propósito de nomearmos as FD, leva-se em conta que no *corpora-OG* o direcionamento de sentidos da denominação *impeachment* (significando o processo jurídico/acontecimento histórico) é predominante e, além disso, temos em vista as condições de produção do jornal (veículo tradicional, consolidado no meio midiático e que, não podemos esquecer, apoiou a ditadura de 64). Com isso, diremos que no *corpora-OG* predomina uma formação discursiva – posta como dominante – que sustenta a construção do referente discursivo *impeachment/golpe*, pelo processo de denominação, como *impeachment* através dos seguintes funcionamentos: a) atualização de uma memória discursiva de *impeachment* (“a **época do impeachment** de Fernando Collor”); b) paráfrase (“46 dos 81 senadores aprovariam o **impeachment**”, “**processo de impeachment** contra a presidente Dilma Rousseff”, “abismo de votos a favor do **impeachment**”, “**impeachment** da presidente Dilma”); c) interdição de sentidos outros, e, principalmente o de *golpe*, isto é, não pode ser dito, ou melhor, não pode ser tomado como homogêneo em relação à FD dominante em OG. Isso fica marcado pelos funcionamentos de distanciamento que tratamos acima (atribuição da palavra ao outro,

significação de *golpe* como um tipo de discurso, uso de discurso indireto). Essa formação discursiva que privilegia o sentido jurídico (legal) de *impeachment* e suas variações (*processo de impeachment*, *pedido de impeachment*, etc.), afastando sentidos outros, como os que produzem *golpe*, nomearemos de FD1.

Uma segunda FD, a que resiste aos sentidos de FD1, antagônica a ela, portanto, é a que identificamos como a predominante em BF principalmente por que nela se pode dizer *golpe*, ou seja, este item lexical se apresenta como homogêneo em relação à FD dominante em BF. Tal FD será identificada pelos mecanismos: a) atualização de uma memória discursiva de golpe (“**Mais uma vez** a elite brasileira deu um **golpe** no povo. **Desta vez** o **golpe** foi sofisticado, usou toga, colete à prova de balas e potentes câmeras de TV. Seus soldados usavam terno e gravata”); b) paráfrase (“Novo Brasil não sairá de **um golpe**”, “Diante **desse golpe** está claro que não se trata mais apenas do governo Dilma”, “**golpe** contra Dilma”); c) recusa a *impeachment* como a única palavra possível para denominar o processo/acontecimento. Esta FD chamaremos de FD2.

Fica esboçado, portanto, nos seguintes quadros:

**Quadro FD1**

FD1	
Paráfrase	<p>“46 dos 81 senadores aprovariam <b>o impeachment</b>”;  <b>“processo de impeachment</b> contra a presidente Dilma Rousseff”;            “abismo de votos a favor <b>do impeachment</b>”;  <b>“impeachment da</b> presidente Dilma”</p>
Atualização de uma memória discursiva de impeachment	<p>“a <b>época do impeachment</b> de Fernando Collor”</p>
Interdição à <i>golpe</i>	<p>“O PT e o ex-presidente Lula, por outro lado, vão usar todas as armas para espichar ao máximo o calendário do impeachment no senado para reforçar <b>o discurso do golpe</b>”;            “Com Dilma no Alvorada, <b>petistas dizem que</b> ela e Lula vão comandar uma mobilização nacional e internacional para denunciar o golpe”            “Na América Latina, líderes aliados do PT criticam decisão e <b>afirmam que</b> há ‘<b>golpe cívico parlamentar</b>’”</p>

**Quadro FD2**

FD2
-----

Atualização de uma memória discursiva de golpe	“ <b>Mais uma vez</b> a elite brasileira deu um <b>golpe</b> no povo. <b>Desta vez o golpe</b> foi sofisticado, usou toga, colete à prova de balas e potentes câmeras de TV. Seus soldados usavam terno e gravata.”
Paráfrase e recusa de <i>impeachment</i> como única denominação possível	“Novo Brasil não sairá de <b>um golpe</b> ”; “Diante <b>desse golpe</b> está claro que não se trata mais apenas do governo Dilma”; “Câmara dos Deputados aprova <b>golpe contra Dilma</b> ”

Essas duas FD<sup>10</sup> se encontram em disputa em nosso *corpus*. E no confronto entre formações discursivas antagônicas, que lutam para que os sentidos nelas produzidos sejam dominantes, irrompe o léxico de guerra. Um léxico familiar a elas. Tanto FD1 quanto FD2 abrigam palavras bélicas significando o impeachment/golpe. No tocante a tais palavras, após o levantamento dos quadros, observamos que um grupo pequeno comparece nos dois. Nos deteremos, então, a este grupo que chamamos de núcleo comum do sítio bélico de significância:

#### Recorte 1 – núcleo comum do sítio bélico de significância

Palavra	SD(OG)	SD(BF)
<b>Batalha</b>	SD7(OG) Será possível ter um Ministério de notáveis depois de tantos compromissos assumidos na <b>batalha</b> fisiológica do impeachment? (coluna de Alan Gripp, tit: <i>Não se engane: o caos está longe do fim, País</i> , p. 26)	SD7(BF) Se o governo vencer essa <b>batalha</b> , qual é o possível cenário? (pergunta do entrevistador, tit: <i>Até coxinhas farão ato contra Temer, diz Stedile, Entrevista</i> , p. 4)
<b>Luta</b>	SD8(OG) O líder do governo, José Guimarães (PT-CE), saiu do plenário dizendo que a “ <b>luta</b> está apenas	SD8(BF) Não podemos perder a energia e a força necessárias para mudar esse cenário e disputar os rumos da

<sup>10</sup> A tensão entre FD1 e FD2 se materializa no discurso e é também de ordem social e ideológica. É uma tensão que dividiu e ainda divide o país. Neste ensejo o discurso midiático revela seu papel crucial na construção da memória sobre acontecimentos e de todo um imaginário sobre eles. Uma parcela da sociedade gritara “sim para o impeachment”, “fora Dilma”, ou mesmo, “tchau querida”; outra parcela gritara “não vai ter golpe”, “fora golpistas” e se embasbacava com o cinismo de deputados (muitos inclusive citados ou investigados em processos, CPI e na própria Operação Lava Jato) dando seus votos em plenário, em seção espetacularmente televisionada que aprovou a abertura do impeachment/golpe, proferindo gritos pelo fim da corrupção, pela família, pelo futuro do Brasil, e por Deus. Abria-se mais um ato da tragédia e montava-se a farsa.

	começando”. (matéria, tit: <i>Revolta/ Indignação do PT na Câmara e no Planalto, País</i> , p. 5)	política e da economia do nosso país. Qualquer que seja o desfecho da <b>luta</b> que estamos travando estará na ordem do dia a necessidade de mudanças profundas, pois a crise será de longo prazo e será impossível conquistarmos qualquer avanço com o esgotado sistema político que temos hoje. (Editorial, tit: <i>Novo Brasil não sairá de um golpe, Opinião</i> , p. 3)
<b>Vitória</b>	SD9(OG) Amazônia e Rondônia (oito votos cada) foram as únicas bancadas a votar de forma unânime, ambas pelo impeachment. Mas foi em estados populosos do Sul e Sudeste, como São Paulo (57 votos a favor), Minas Gerais (41), Rio de Janeiro (34), Paraná (26) e Rio Grande do Sul (22) que a oposição consolidou a <b>vitória</b> . (matéria, tit: <i>Efeito manada/ Indecisos voltam sim e abrem folga no placar, País</i> , p. 6)	SD9(BF) Vários projetos que prejudicam a classe trabalhadora estão para ser votados atualmente no Congresso. Com uma <b>vitória</b> do <i>impeachment</i> esses projetos seriam rapidamente aprovados. (declaração de João Pedro Stedile (direção do MST), tit: <i>Até coxinhas farão ato contra Temer, diz Stedile, Entrevista</i> , p. 5)
<b>Derrota</b>	SD10(OG) A eventual saída de Dilma simboliza não só uma <b>derrota</b> individual da presidente, mas o fim dos 13 anos de governo do PT. (matéria, tit: <i>Aviso prévio Dilma perto do afastamento, País</i> , p. 3)	SD10(BF) A <b>derrota</b> do golpe possibilitaria que os movimentos avançassem na luta com novas propostas. (declaração de João Pedro Stedile (direção do MST), tit: <i>Até coxinhas farão ato contra Temer, diz Stedile, Entrevista</i> , p. 4)

*Batalha* comparece significando o impeachment/golpe enquanto acontecimento histórico nas SD7(OG) e SD7(BF) mostrando, pois, entre elas funcionamento semelhante. Na SD7(OG) o sintagma nominal “batalha fisiológica do impeachment” tem *batalha* como núcleo do sintagma, *fisiológica* e *do impeachment* como adjuntos adnominais

---

qualificando *batalha. Fisiológica*, poderia, em outras condições de produção, remeter ao discurso médico ou científico, no sentido do que é relativo à fisiologia, ao organismo. No entanto, a palavra *fisiológica*, se tratando de política, vem sendo empregada na esfera midiática para relacionar um fato político (um processo de impedimento, por exemplo) aos interesses pessoais dos agentes políticos envolvidos. Este sentido confere ao sintagma “batalha do impeachment”, o tomando na relação com “processo de impeachment”, em acordo com que colocamos acima, um sentido que se afasta da esfera institucional, do jurídico, de caráter impessoal, e deriva para um sentido de pessoalidade. Neste ponto, um processo metafórico desvela contradição.

Se tomamos “processo de impeachment” em FD1 filado ao sentido dominante de processo legal, aí se interpõe o sentido de impessoalidade que reveste a significação da instituição Justiça. No entanto, no momento em que “processo de impeachment” por efeito metafórico desliza para “batalha do impeachment” (enunciado que se repete várias sob formas diferentes em OG) e depois, desliza novamente para “batalha fisiológica do impeachment” a contradição aí irrompe, porque, como dissemos, “fisiológica” produz o efeito possível de algo ligado a pessoalidade, aos interesses pessoais. A contradição se instaura, nesta SD, precisamente na coexistência do sentido de impessoalidade, que vai ecoando em vários enunciados, e do sentido de pessoalidade materializado pelo adjetivo “fisiológica”. Todavia, o que deve ser considerado neste ponto de contradição é que o enunciado recortado é parte de um texto assinado. Ou seja, um sujeito-colunista enquanto autor o escreve. Isto nos leva ao fato de que alguns textos jornalísticos assinados, em determinados espaços do jornal, são permitidos pontos de heterogeneidade em relação à posição-OG.<sup>11</sup>

*Luta*, em SD8(OG) comparece num enunciado que traz o discurso direto demarcado por aspas, isto é, o outro é que diz *luta*. Em SD8(BF), *luta* está presente como componente do discurso da posição-jornal que o sustenta, um elemento discursivo familiar à FD2 por se vincular ao sentido de *golpe* já demarcado no título do editorial:

---

<sup>11</sup> SD12 (OG) foi recortada de uma coluna assinada, ou seja, nela podemos demarcar o posicionamento de um sujeito colunista que fala a seus leitores. O mesmo acontece na entrevista da qual SD7(BF) foi recortada em que há um sujeito-entrevistador e um sujeito-entrevistado. Vê-se importância em sinalizar esta diferença pois em um editorial, por exemplo, ou matérias não assinadas, os sentidos ali postos diluem-se na posição-jornal que os sustenta. Em matérias assinadas, colunas, etc., além de uma posição-jornal, comparece a posição do sujeito-autor do texto. Nisto há uma suposta brecha para o afastamento da posição-jornal.

---

“Novo Brasil não sairá de um golpe”. *Luta* alinha-se, no tear discursivo da posição-BF, a “disputar os rumos da política e da economia do nosso país”, esta é a luta travada e por isso “Não podemos perder a energia e a força necessárias para mudar esse cenário”. Interessante notar nesta SD a presença da primeira pessoa do plural marcada nos verbos “podemos”, “estamos”, “conquistarmos”. Este “nós” no editorial, texto não assinado, inclui aquele que escreve e aquele que lê e traz a posição-jornal numa voz que inclui seu leitor no discurso. Isso engendra um funcionamento relativo à prática jornalística completamente diferente do lomos em OG, um funcionamento que aproxima a posição-jornal do sujeito-leitor. O editorial, na seção *Opinião*, representa, pois, a posição-jornal. Esta inclui seu leitor e o convoca à luta, reproduzindo uma memória de militância.

*Vitória*, em SD9(OG) desempenha função de objeto direto do verbo “consolidou”; em SD9(BF) completa o sentido de “aprovados” desempenhando o papel de adjunto adnominal no sintagma “com uma vitória do impeachment”. Em ambos os casos *vitória* está relacionada ao impeachment/golpe. Entretanto, o efeito de sentido de *vitória* em SD9(OG) é, para a posição-OG, positivo à medida em que produz um efeito de permanência, “oposição consolidou a vitória”. Isto é, esse valor positivo se marca no verbo “consolidar”, pois a vitória torna-se mais sólida, mais forte. Por outro lado, em SD9(BF), a posição-BF atribui um valor negativo que se marca por “vários projetos que prejudicam a classe trabalhadora”. A “vitória do impeachment”, portanto, é prejudicial pois “esses projetos seriam rapidamente aprovados”. Logo, *vitória* inscrita em FD1 e FD2 produz sentidos opostos. Em FD1, tem sentido positivo, de algo que fica ainda mais forte, sólido, ressoando o título da matéria como sustentação deste sentido: “indecisos votam sim e **abrem folga** no placar”. Já em FD2 *vitória* tem sentido negativo, a “vitória do impeachment” causará prejuízos à classe trabalhadora. Tal funcionamento ilumina o antagonismo entre a posição-OG e a posição-BF, demonstrando como uma mesma palavra pode assumir sentidos diferentes, ou melhor, opostos.

A palavra *derrota* em SD10(OG) ocupa a função núcleo do objeto direto do verbo “simboliza” e em SD10(BF) ocupa a posição sintática de núcleo sujeito. A primeira fala sobre Dilma, a segunda sobre o golpe. Em SD10(OG), no sintagma “derrota individual da presidente” o termo “da presidente”, complemento nominal, porém funcionando como adjunto adnominal, traz o sentido: a presidente é derrotada. Na SD10(BF), no sintagma “a derrota do golpe” o termo “do golpe”, complemento nominal,

---

produz o sentido: derrotar o golpe. A transição, de ordem sintática, de uma ideia de passividade para atividade implica em sentidos também diferentes para significar aquilo que foi/tem de ser derrotado. A derrota da presidente e a derrota do golpe são inscritos em processos discursivos distintos, dando a ver, outra vez, um processo de significação antagônico em se marcam as FD1 e FD2.

O que tentamos sustentar é que as palavras do núcleo comum do sítio bélico de significância denunciam as relações de forças em jogo na tensão entre FD antagônicas e mais, desnudam o mecanismo de significação do acontecimento histórico através do acontecimento jornalístico, sustentando o imaginário de guerra, construindo a evidência: o impeachment/golpe é uma batalha. Essa evidência se constrói pela paráfrase que vai estabilizando determinado sentido na teia de repetições que se tece no discurso jornalístico, saturando de sentidos o impeachment/golpe a ponto apagar outros processos significativos, produzindo, deste modo, a evidência de que é guerra. Assim se tece também um imaginário, isto é, um eixo de representações que vão sendo sedimentadas, na retomada de sentidos já ditos e ao mesmo tempo na projeção de sentidos a dizer.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008, 225 f. Tese. (Doutorado em Estudos de Linguagem). Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FONSECA, Rodrigo Oliveira. Condições de produção do discurso e formações discursivas: uma proposta de abordagem da práxis discursiva. In: *Revista Icarahy*. Edição nº 4. Niterói: 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996, 256 f. Tese. (Doutorado em Estudos de Linguagem). Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.



---

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

### **REFERÊNCIAS do corpus**

Jornal *O Globo: Primeiro Caderno* (18/04/2016) disponível para assinantes no link: <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160418>

Jornal *Brasil de Fato* (18 a 20 /04/2016) disponível no link: [https://issuu.com/brasildefatorj/docs/brasil\\_de\\_fato\\_-\\_171\\_web](https://issuu.com/brasildefatorj/docs/brasil_de_fato_-_171_web)